

# IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

## O CONSUMO COMO FACE DO DESAMPARO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA - UMA ANÁLISE SEGUNDO A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Fernanda Santos Garcia, (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Marco Antônio Rotta Teixeira, (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: fer.garcia78@gmail.com

**Palavras-chave:** Consumismo. Contemporaneidade. Desamparo. Excesso. Psicanálise social.

A pesquisa teórica em questão teve a intenção de compreender os aspectos relacionados à nova funcionalidade do consumo, visto que, na contemporaneidade, passa a ser usado como mediador do desamparo, ou seja, os indivíduos passam inconscientemente a utilizar do consumo como instrumento de descarga de excesso de libido acumulada. Dessa forma, o consumo passa a ser um modo de relacionar-se, seja com mercadorias ou outros sujeitos. A respectiva pesquisa, trata-se de um estudo psicanalítico, social e teórico, ao passo que considera além do âmbito individual dos sujeitos, suas constituições históricas e culturais. O método utilizado será o psicanalítico, pois nesse o objeto de pesquisa é sempre referente às manifestações do inconsciente. Por fim, a coleta de dados, foi feita através de pesquisa bibliográfica e o método utilizado foi o qualitativo.

É importante iniciarmos com a afirmação, já feita desde o projeto desta pesquisa, de que a perda dos ideais fomentados no projeto civilizatório moderno, gerou nos sujeitos grandes frustrações, uma vez que por meio da crença absoluta na racionalidade e cientificidade, tal qual na idade média também não resultou nas satisfações apontadas como possíveis. O fracasso das promessas modernas deixa as subjetividades desamparadas, por permitir que os indivíduos fiquem expostos diante dos excessos pulsionais. Sendo assim, na pós modernidade, os indivíduos se veem desamparados e inseguros, por não possuírem mais referências e verdades absolutas como na idade média ou na modernidade, verdades essas que embora impusessem morais rígidas, também eram fonte de segurança, ao passo que, delimitavam os principais aspectos da vida (BIRMAN, 2006).

Frente a essa situação, os indivíduos tomados por um excesso resultante do trauma do desamparo, passaram a seguir figuras narcísicas visando conseguir estabilidade e proteção. Como resultado desses atos, podemos afirmar que os sujeitos contemporâneos têm como

## IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

objetivo a satisfação de desejos próprios, tendendo a tomar vantagem das situações em que se empenham, se eximindo também de investimentos objetais sobre outros. (BAUMAN, 2008; BIRMAN, 2006; KEHL 2002; MIGUELEZ, 2007)

Em síntese, o narcisismo pode ser tido como a supervalorização que o indivíduo faz de si. Sendo assim, ele seria o retorno do narcisismo primário no qual o infante acreditava ser o ego ideal, perfeito e onipotente, devido as identificações sustentadas por sua figura materna (ANDRADE, 2014; BLEICHMAR, 1983). Se as valorizações implicam identificações, aponta-se para a necessidade de uma ordem simbólica que seja exterior ao indivíduo, na qual ele será inscrito. É nesse movimento que os indivíduos constituem em seu ego características superiores e inferiores, almeçadas e excluídas. Desse modo, por meio da intersubjetividade pela identificação com personagens significantes, é garantido ao ego informações que servirão de apoio para diversas situações futuras. Pode-se afirmar que na identificação se estabelece um vínculo com o outro, ao passo que, como igual ao ego ideal daquele, é garantido a este, segurança em relação a ser amado. (BLEICHMAR, 1987; MIGUELEZ, 2007)

Logo, é possível sustentar a ideia de que, as identificações narcísicas com tais figuras significativas da infância, é o resultado de uma transformação, sendo que, há uma dessexualização e a libido é retirada do objeto e voltada para o próprio ego do indivíduo que agora atrai para si os investimentos que eram direcionados ao objeto. Nesse movimento, o ego ideal do sujeito é construído e almejado durante toda a sua vida, pois é visto como um personagem que representa os atributos de valorização máxima. (ANDRADE, 2014; BLEICHMAR, 1987; MIGUELEZ, 2007)

Se faz coerente apontar que, portanto, a libido encontra-se alojada no id enquanto o ego está se formando, assim sendo, o id transporta parte dessa libido para investimentos objetais, com isso o ego se fortalece e busca tomar posse dessa libido do objeto ao impor a si mesmo como objeto de amor (ANDRADE, 2014; FREUD, 1923). Por essa mesma razão o amor por si confronta-se com o amor a um outro, pois mesmo tendo como base as projeções e investimentos da libido dos pais, o ego substituiu seu amor à esses pela valorização a determinados aspectos tidos como seu eu ideal e, sendo assim, priorizará a sua satisfação por meio dessas realizações em detrimento das satisfações advindas das escolhas puramente objetais. (MIGUELEZ, 2007)

Assim, os sujeitos escolhem os outros não pôr os considerar como indivíduos singulares que são, mas sim por verem neles, características propriamente suas. Uma vez que

## IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

a perfeição e completude não é possível pelas vias das próprias ações, já que por mais que se busque não se alcance a satisfação plena isoladamente, ao passo que, prematuro e dependente, opta-se por consumir nos outros as suas características vistas como de máxima valoração, conseguindo assim satisfazer seu narcisismo. (BLEICHMAR, 1987)

Mas ainda, se o narcisismo é uma força constante no psiquismo que busca continuamente sua satisfação [...] o sujeito tende à incessantemente ao encontro com os que podem ser chamados de objetos da atividade narcísica, ou seja, os que permitem que essa realize-se (BLEICHMAR, 1987, p. 31)

Em relação às atividades narcísicas pode-se afirmar que todos os indivíduos possuem um compilado específico de formas para satisfazer seu narcisismo podendo destacar uma comunhão dentre essas diversas formas em relação a necessidade de um objeto específico que seja fonte ou meio para a satisfação, porém contrariamente a isso é válido afirmar que o que o indivíduo narcísico busca verdadeiramente não é a realização de uma atividade que lhe gere satisfação ou o consumo de um outro que lhe atribua reconhecimento, mas sim o desejo de alcançar a posição de ego ideal.

A incapacidade de alcançar o ego ideal por si só gera um excesso libidinal que por sua vez resulta em um trauma devido a frustração em não se alcançar tais características tidas como valorizadas e fonte de reconhecimento, dessa forma os indivíduos se veem desamparados novamente. A situação de desamparo proporciona então a necessidade dos indivíduos de algo que substitua a perda da realização desse ideal, ou seja, os sujeitos anseiam por um objeto pelo o qual possa se atingir um ideal e conseqüentemente diminuir a distância entre o ego e o superego. Frente isto, as individualidades passaram a se entregar a figuras narcísicas que enxergam como ideais em um movimento masoquista e inconsciente, onde se submetem a essas circunstâncias desde que seja garantido, por outro lado, estabilidade e proteção (ANDRADE, 2014; BIRMAN, 2017)

Assim que o sujeito renuncia sua satisfação egoísta, a sociedade continua deixando-o na míngua. Segundo Freud (2010[1930]) “o super-eu da cultura” (p. 117) não fornece proteção alguma ao indivíduo, ao contrário “institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante ‘angústia de consciência’” (p. 117). A cultura, então, não devolve ao sujeito o que foi renunciado em busca de uma segurança, mas o lança a um vazio, a uma “angústia de consciência” por não alcançar jamais os inatingíveis ideais ordenados pela cultura. O sujeito, mais uma vez, retorna ao estado de desamparo. (LEITE, 2014, p. 43).

## IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

Tem-se assim, segundo Birman (2017), o conceito de legislador absoluto, onde a característica fundamental é a personalidade extremamente narcísica que este possui, transmitindo, deste modo, uma ideia de perfeição e razão geral (BIRMAN, 2017). Podemos pensar que no mundo moderno urbanizado, com a ausência de critérios familiares, títulos de nobreza, tradição e espaço e tempo suficientes para a elaboração, os indivíduos passaram a buscar suas identidades por meio daquilo que consomem (SANTI, 2005).

Segundo Freud (2010[1930]), a cultura construída para nos auxiliar na busca pela felicidade, além de não cumprir o seu papel nesse aspecto, é a principal responsável pelas privações que são sentidas como mal-estares pelos indivíduos atualmente. Com isso, a sociedade contemporânea, elege o ato de consumir como proporcionadora do falso amparo e satisfações narcísicas necessárias aos sujeitos. (BIRMAN, 2017; FREUD, 2010[1930]; SANTI, 2005). Há uma promessa de satisfação certa e imediata, porém pouco tempo após o consumo da mercadoria ou mera posse dessa, resta a insatisfação e incompletude. Passa-se a almejar outros objetos com o intuito de esconder da consciência a enganação e a inexistência de produtos capazes de os satisfazer plenamente (BIRMAN, 2017; BLEICHMAR, 1987; SANTI, 2005).

O consumismo é definido, em sua nova funcionalidade, como uma descarga por meio de relações narcísicas, na tentativa de desprender-se do desprazer, diante da necessidade de livrar-se do excesso pulsional gerado pelo desamparo. Desse modo, configura-se como um processo da ordem do primitivo, do não elaborado e do pré-edípico. Neste sentido, embora haja uma sensação de prazer no ato do consumo por conta da descarga, não há uma satisfação no sentido pleno, uma vez que não promove a total aproximação entre o superego e o ego. Sendo assim, o consumo abastece um sistema de significação, na ordem cultural, suprimindo uma necessidade simbólica inerente a todos os indivíduos, acabando por funcionar tal qual um código onde classifica não só produtos e serviços, mas também relações sociais, indivíduos e grupos. O que o motiva o ato de consumir, é o desejo de encontrar em um objeto real a satisfação imaginada (ROCHA, 2005).

Em conclusão, o consumo, na qualidade de nova moral do mundo contemporâneo rompe o equilíbrio necessário a humanidade, pois no que se refere a abundância e excesso narcísico não reconhece erro algum, assim, a sociedade de consumidores torna o cotidiano saturado ao mesmo tempo que contraditoriamente vive sem uma história definida (BAUDRILLARD, 2017).

# IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

## Referências

- ANDRADE, V. M. **O narcisismo e o mal-estar na civilização: a atualidade do conceito freudiano de narcisismo após cem anos de sua introdução.** Rio de Janeiro: Imago, 2014.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo.** Lisboa: Edições 70 (Arte & Comunicação), 2017.
- BIRMAN, J. A servidão. In: BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2017. p. 17-32.
- BIRMAN, J. Psicanálise e a crítica a modernidade. In: BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006, p. 33-55.
- BLEICHMAR, H. **Depressões: um estudo psicanalítico.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- BLEICHMAR, H. **O narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª ed., 1987.
- FREUD, S. O eu e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. **SIGMUND FREUD OBRAS COMPLETAS VOLUME 16: O EU E O ID, "AUTOBIOGRAFIA" E OUTROS TEXTOS (1923-1925).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 09-64.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **Freud (1930-1936) o mal-estar na civilização e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 191-270.
- KEHL, M. R. **O homem moderno, o desamparo e o apelo a uma nova ética.** In: KEHL, Maria Rita. Sobre ética e psicanálise. São paulo: Companhia das letras, p. 39-71, 2002.
- LEITE, M. C. **O desamparo na contemporaneidade e sua perspectiva teórica de subjetivação.** 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Angela Maria Pires Caniato. Maringá, 2014.
- MIGUELES, O. **Narcisismos.** São Paulo: Escuta, 2007.
- MINERBO, M. **Diálogos sobre a clínica psicanalítica.** São Paulo: Blucher, 2016.
- ROCHA, E. **Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa.** Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, v. 2, n. 3, p. 123-138, 2005.
- SANTI, P. L. **Consumo e desejo na cultura do narcisismo.** Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, V. 2, N. 5, p. 173-204, Nov. 2005.